



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 27/10/2023 a 02/11/2023

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>27/10/2023</b>	12,97	442,40	52,27	5,75	4,80
<b>30/10/2023</b>	12,82	426,50	52,39	5,66	4,78
<b>31/10/2023</b>	12,87	431,00	51,42	5,56	4,78
<b>01/11/2023</b>	12,91	430,40	49,90	5,61	4,75
<b>02/11/2023</b>	13,04	426,30	50,32	5,65	4,70
<b>Média</b>	<b>12,92</b>	<b>431,32</b>	<b>51,26</b>	<b>5,67</b>	<b>4,76</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	134,00	
RS – Não Me Toque	133,00	
RS – Londrina	124,00	
PR – M.C.Rondon	124,00	
MT – C.N.Parecis	118,00	
MS – Maracaju	124,00	
GO - Rio Verde	116,00	
BA – L.E.Magalhães	123,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	63,00	CIF
Porto de Paranaguá	61,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	53,00	
SC – Rio do Sul	55,00	
PR – M.C.Rondon	44,00	
PR – Londrina	44,00	
MT – C.N.Parecis	35,00	
MS – Maracaju	42,00	
SP – Itapetininga	55,00	
SP – Campinas	60,00	CIF
GO – Rio Verde	45,00	
GO – Jataí	45,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	54,00	
RS – Não Me Toque	50,00	
PR – Londrina	60,00	
PR – M.C.Rondon	60,00	

Período: 01/11/2023

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 02/11/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	53,42	135,17	52,88

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
02/11/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	100,97
Feijão (saco 60 Kg)	255,50
Sorgo (saco 60 Kg)	ND
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,32
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,93**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,38

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Setembro/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, subiram um pouco nesta semana, com o fechamento do dia 02/11 (quinta-feira), para o primeiro mês cotado, ficando em US\$ 13,04/bushel, contra US\$ 12,79 uma semana antes.

O mercado está muito atento ao clima na América do Sul, especialmente no Brasil e na Argentina, onde há problemas de falta de chuvas em muitas regiões e, em outras, excesso de chuvas, caso do sul brasileiro. Tudo coloca em xeque o potencial produtivo das lavouras levando à redução nas projeções finais de colheita.

Afora isso, a colheita da soja nos EUA chegou a 85% da área no dia 29/10, contra 78% na média histórica. Enquanto isso, na semana encerrada em 26/10 os EUA embarcaram 1,89 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial atual os embarques somam 9,95 milhões de toneladas, representando 3% a menos do que em igual momento do ano anterior.

Enquanto isso, no Brasil, os preços recuaram um pouco, na medida em que o câmbio veio a R\$ 4,97 por dólar em alguns momentos da semana, interrompida pelo feriado de Finados. Assim, a média gaúcha fechou a curta semana em R\$ 135,17/saco, enquanto as principais praças trabalharam com R\$ 133,00 a R\$ 134,00. Já no restante do país, os preços oscilaram, neste início de novembro, entre R\$ 116,00 e R\$ 124,00/saco.

Dito isso, o plantio da soja brasileira chegou, no início da presente semana, a 38,4% da área esperada, contra 52,3% em 2022 e 44,9% na média histórica. O atraso se dá justamente pelos problemas climáticos generalizados. É o pior desempenho do plantio nacional da oleaginosa desde 2015. Paralisações de plantio foram observadas no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins por falta de chuvas. Além disso, em Minas Gerais, oeste da Bahia e Piauí muitos produtores ainda não haviam iniciado o plantio na virada do mês. Por outro lado, se torna comum a necessidade de replantio na região Central do país. (Cf. AgRural)

Especificamente no Paraná, por outro lado, o plantio da soja chegava a 69% no final da semana passada, estando um pouco adiantado em relação a 2022, que registrava 67% semeado nesta época do ano. Em áreas do sul daquele Estado o excesso de umidade vem atrasando a semeadura neste momento. O Paraná ainda espera colher 21,9 milhões de toneladas nesta nova safra. (Cf. Deral)

Pelo lado das exportações brasileiras de soja, o país espera, agora, exportar 104 milhões de toneladas neste ano 2023. Este recorde histórico alivia a pressão baixista sobre os preços, assim como as dificuldades climáticas atualmente presentes nas regiões produtoras. Além disso, se tal volume de exportação se confirmar, os estoques finais de soja, no Brasil, poderão ficar em um de seus menores níveis nos últimos anos (ao redor de 4 milhões de toneladas no final de janeiro/24, quando fecha o ano comercial da soja no Brasil). Com isso, no início do próximo ano o mercado nacional da soja tenderá a sofrer pressão altista de dois fatos: os estoques apertados e o atraso na colheita em função do retardamento no plantio. (Cf. Pátria Agronegócio)

E não se pode ignorar que uma parte do mercado já cogita uma safra menor do que o esperado devido ao clima no plantio. Das 164 milhões de toneladas inicialmente

previstas, muitos avançam a possibilidade de a colheita ficar abaixo das 160 milhões. Soma-se a isso o fato de que, a partir de janeiro/fevereiro, diante do atraso na colheita, a oferta de produto para exportação tende a ser menor, já elevando os prêmios nos portos, fato que auxilia na melhoria do preço futuro da oleaginosa. Na sequência, com a colheita entrando na normalidade, os prêmios devem recuar, podendo mesmo serem negativos entre março e julho de 2024.

Enfim, confirmando a tendência de exportações recordes neste ano, a Secex informou, no dia 1º de novembro, que o Brasil já havia exportado 93,5 milhões de toneladas de soja entre janeiro e outubro, contra pouco mais de 74 milhões no mesmo período do ano anterior. Somente em outubro o país exportou 5,5 milhões de toneladas, ou seja, 31,8% mais do que em outubro de 2022. E ainda havia uma fila de embarques de 8 milhões de toneladas, sendo que grande parte deste volume estaria sendo difecionada para os portos do sul do país devido a dificuldade de escoar o produto pelo chamado Arco Norte, também em função do clima. (cf. Pátria Agronegócios)

Mesmo assim, segundo a Brandalizze Consulting, ainda haveria muita soja disponível em mãos dos produtores nacionais. Calcula-se que cerca de 33 a 34 milhões de toneladas, fato que pode segurar, por enquanto, uma elevação de preços da oleaginosa.

## MERCADO DO MILHO

Em Chicago, as cotações do milho ficaram praticamente estáveis, com leve viés de baixa. O fechamento desta quinta-feira (02/11) ficou em US\$ 4,70/bushel, contra US\$ 4,79 uma semana antes.

A colheita do cereal, nos EUA, chegava a 71% da área no dia 29/10, contra a média histórica de 66% para esta data. Por sua vez, os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 26/10, chegaram a 531.516 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o total embarcado no atual ano comercial, atingia a 4,94 milhões de toneladas, ou seja, 17% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços subiram levemente em algumas regiões, enquanto em outras a estabilidade foi a tônica. A média gaúcha, por exemplo, chegou a R\$ 53,42/saco, enquanto nas demais praças nacionais os valores oscilaram entre R\$ 35,00 e R\$ 55,00/saco.

O plantio do milho de verão, no Centro-Sul brasileiro, atingia a 53% da área esperada, no final de outubro, contra 56% na mesma época do ano passado. (cf. AgRural) Muitas regiões vêm sofrendo com o excesso de umidade, o que atrasa o plantio e compromete, em parte, lavouras já semeadas, pois o granizo igualmente tem se feito presente no sul do país.

Especificamente no Rio Grande do Sul, o plantio atingia a 78% da área esperada, até o dia 1º de novembro, contra a média histórica de 74% nesta data. Cerca de 13% da área já semeada estava em floração naquela data. (Cf. Emater) Já no Paraná, no final de outubro, a área semeada com o cereal atingia a 93%, com 1% da mesma em

floração. 83% das lavouras estavam em boas condições, 15% estavam em situação média e 2% ruins. (cf. Deral)

Diante dos atuais percalços climáticos, analistas privados sinalizam que a produção final de milho, no Brasil, em 2023/24, possa recuar 8% em relação a este último ano, ficando em 128 milhões de toneladas. A safrinha ficaria em 99 milhões de toneladas, com recuo de 8,7% sobre 2022/23. (Cf. StoneX)

Enfim, o Brasil embarcou, no mês de outubro, um total de 8,4 milhões de toneladas de milho. Isso representou 24,5% acima do exportado no mesmo mês do ano anterior. Assim, a média diária de embarques foi 12,7% superior a registrada um ano antes. (Cf. Secex)

Segundo consultores privados, o ritmo das exportações é que continuará definindo o comportamento dos preços internos do milho. Espera-se fechar dezembro com 52 milhões de toneladas exportadas, havendo mais 10 milhões a serem exportadas em janeiro e fevereiro do próximo ano. (Cf. Brandalitze Consulting)

O preço da tonelada exportada recuou 19,5% sobre o ano anterior, fechando a US\$ 226,60 na média de outubro/23.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram nesta semana, com o primeiro mês cotado fechando o dia 02/11 (quinta-feira) em US\$ 5,65/bushel, contra US\$ 5,79 uma semana antes.

Dito isso, a semeadura do trigo de inverno nos EUA, até o dia 29/10, chegava a 84% da área, contra a média histórica de 85%. As condições das lavouras já plantadas, na mesma data, se apresentavam com 47% entre boas a excelentes, 35% regulares e 18% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, os EUA embarcaram, na semana encerra em 26/10, um total de 189.842 toneladas, ficando dentro das projeções do mercado. No atual ano comercial, o volume embarcado é de 7,1 milhões de toneladas, volume 26% menor do que o registrado em igual período do ano anterior.

Enquanto isso, na China, devido a problemas climáticos sobre as lavouras de trigo locais, o país terá que importar volumes recordes de trigo neste ano comercial. Isso pode dar alguma sustentação aos preços internacionais do cereal. Maior produtor mundial de trigo, a China, em outubro, teria comprado 2 milhões de toneladas de trigo australiano e mais 2,5 milhões de produto francês. No total, as importações chinesas de trigo devem alcançar 12 milhões de toneladas, com as compras devendo continuar em 2024. A safra chinesa atual teria recuado 0,9%, ficando em 134,5 milhões de toneladas, enquanto traders de Cingapura falam que a China teria 20% de sua colheita danificada pelas chuvas.

E no Brasil, os preços variam muito conforme a qualidade do produto, já que há muita quebra de volume e qualidade junto as lavouras colhidas até o momento. Assim, o trigo

pão, de qualidade superior, que está bastante raro, especialmente no Rio Grande do Sul, subiu para R\$ 52,88/saco na média semanal gaúcha, enquanto as principais praças trabalharam com valores entre R\$ 50,00 e R\$ 54,00/saco. Já no Paraná os valores saltaram para R\$ 60,00/saco. Por sua vez, o trigo de qualidade inferior, o triguilho, destinado para exportação ou ração animal, tem sido pago a R\$ 30,00/saco e, em alguns locais, menos do que isso.

A continuidade das chuvas prejudicou totalmente as lavouras que ainda estavam por colher nestas duas últimas semanas, praticamente impedindo que, dali, se retirasse trigo superior. No Paraná a colheita, naquele momento, estava em 89% da área total, enquanto no Rio Grande do Sul a mesma atingia a 58% no dia 1º de novembro, contra 50% na média histórica para a data. (Cf. Deral e Emater)

O Paraná reduziu sua expectativa de safra mais uma vez, ficando agora em 3,8 milhões de toneladas. Para o Rio Grande do Sul, a possibilidade de quebra entre 40% e 50% se faz presente. Nos dois casos, sem considerar ainda a forte queda na qualidade do que vem sendo colhido. Em tal contexto, os preços do cereal superior devem continuar subindo, pelo menos até a colheita ser finalizada. Depois disso, a entrada da safra argentina tende a balizar o mercado, sabendo-se que no vizinho país igualmente há problemas climáticos.